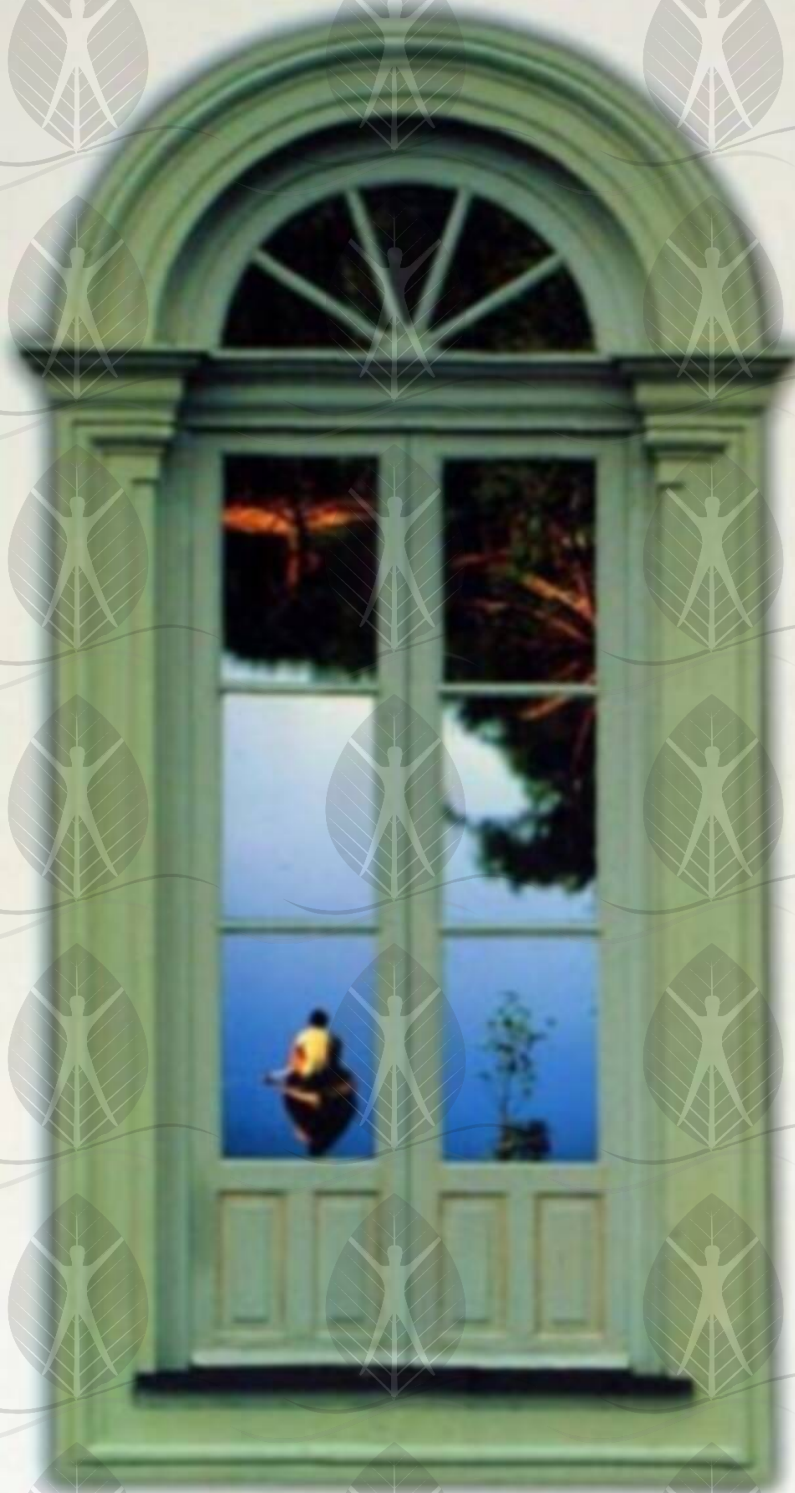


COLEÇÃO RESGATE
Coordenação: Tenório Telles

Violeta Branca



Ritmos de inquieta alegria

2.^a edição



VIOLETA BRANCA

**RITMOS
DE INQUIETA ALEGRIA**

Organização e estudo crítico

Tenório Telles

2.^a edição revista e aumentada

Valer
EDITORA



SUMÁRIO

Apresentação	9
Evocações líricas e transição modernista em Violeta Branca — Tenório Telles	13
Ritmos de inquieta alegria	25
Minha lenda	27
Inquietação	29
Oração ao vento	31
Poema agreste	33
Sonhar	34
Ritmo	35
Eu	37
Vive a tua vida	39
Exaltação	41
Dois “tankas” de minha terra	43
Canção da vida	45
Oração ao mar	47
Iniciação	49
Mundo novo	50
Sob a luz de um “abat-jour”	52
Perfeição	53
Poema do sol	54
Noturno	56
Vitórias-régias	58

Luminosidade.....	59
Alegria.....	60
Vida triunfadora.....	62
Oração.....	64
Festa.....	65
Hora colorida.....	66
Desencanto.....	68
Matinal.....	70
Símbolo.....	72
Motivo.....	74
Ritmo pagão.....	76
Marinha.....	78
Espiral.....	79
Renúncia.....	81
Barcarola.....	82
Confidência.....	83
Miragem.....	85
Poema das tuas mãos.....	86
Núpcias.....	87
Exaltação panteísta.....	88
Profecia.....	90
Evocação.....	91
Idílio.....	92
Oferenda.....	93
A vela que passou.....	94

Vertigem	95
Poema para os olhos de um marujo	97
Descobrimento	99
Aspiração	100
Poema de amor marítimo	102
Castália	103
Passional	104
Clarínada	105
O momento único	107
Poema marítimo	109
Obsessão	110
Afrodite	111
Encantamento	112
Volúpia	113
Vendaval	114
Nostalgia do mar	115



VIOLETA, AINDA QUE TARDE

Marcos-Frederico Krüger*

Lembro-me de que, em meados de 1994, numa rua do centro do Rio de Janeiro, eu olhava, sem prestar muita atenção, livros usados postos à venda e expostos ao sol, em plena rua. Ali estavam eles, animais domésticos abandonados, cães e gatos à espera de que um coração piedoso os reconduzisse ao calor da estante e lhes proporcionasse o carinho da leitura.

Súbito, o olhar distraído que lhes dirigia tornou-se vigilante e cético. Despretenhioso, sem a capa colorida dos livros mais recentes, ali estava o *Rythmos de inquieta alegria* – assim mesmo, com y e th, para lhe aumentar o mistério. Trajava simples roupa branca, tornada amarela, após quase sessenta anos de uso, pelas bocas sôfregas dos cupins do Tempo. As estampas também eram discretas: traços indicativos de frágil embarcação à vela e uma gaivota em pleno vôo, mas parecendo duas sobancelhas unidas. Outras gaivotas se delineavam – animais querendo sair dos ovos – nas letras do nome da autora: Violeta Branca.

Naquele instante, o Destino me oferecia um livro que eu sabia ser dos mais importantes da literatura no Amazonas. Atônito, procurei disfarçar meu interesse – não fosse o vendedor me explorar demasiadamente! Inútil precaução! O preço era ínfimo demais, em relação inversa ao valor do conteúdo.

Tal como a personagem de Clarice Lispector, em "Felicidade clandestina", que enfim obtivera emprestado um exemplar de *As Reinações de Narizinho*, assim fiquei eu com os meus *Rythmos* – com

o y e o th, façam favor. Diferentemente da menina do conto, eu não o tinha por algum tempo, mas em definitivo. (Estranho sentimento este, o da propriedade.)

Como era meu – só meu –, não o abri logo. Antegozava o prazer de fazê-lo, de enfim conhecer a totalidade do que só divisara em amostras grátis: alguns poemas dispersos em antologias. Agia como o avarento que, possuindo a arca de um tesouro, se recusa a abri-la, para não se sentir tentado a gastar a mais ínfima moeda de ouro e diminuir o valor da fortuna.

Um dia, resolvi escutar a música dos Rythmos – com y e th, como no tempo de Camões. Ao tentar fazê-lo, vi que várias páginas estavam unidas, quer na lateral, quer na parte superior. Significava isso que, até então, o objeto de meu culto se mantivera mudo, conservando intactos os segredos.

Verdade que nem todas as pedras do tesouro eram valiosas. Havia as que apresentavam a jaça da imaturidade e as que, por outros motivos, também não tinham o brilho da legítima poesia. Porém, alguns reflexos de puro ouro resgataram o valor que esperava: "o sol se desfez em entusiasmo dentro em mim". Basta? Se não, posso dar mais uma esmola de riqueza lírica: "eu tenho uma sensibilidade de punhal!" (Diante de tal enunciado, palavras, não mais faleis!)

Agora o livro chega às mãos de todos, democratizado, a renda afinal justamente distribuída. Sem o y e o th, a fim de que perca o ar de segredo alquímico acessível tão-somente a iniciados.

Com isso, estará desmentido o crítico Wilson Martins, que, no volume 7 da História da Inteligência Brasileira, afirmou, em passant, a respeito de uma certa Violeta Branca, que era autora de um livro esquecido. Que engano! Durante anos, décadas – mas tempo, se preciso fosse –, o tesouro foi passado de apreciador a apreciador e, em especial, guardado ciosamente por quem, sensível como os punhais, o possuía, valendo cada estante por um mosteiro medieval onde os Rythmos aguardariam uma Renascença particular.

Hoje considero que o livro desmente a mim também, que escrevi, em minha dissertação de Mestrado sobre a poesia no

Amazonas, que Violeta se enquadrava num Pré-Modernismo de cuja existência não mais tenho certeza. Admiti o Clube da Madrugada como modernista, sem atentar para o fato de que a poesia desse brilhante grupo, feita à semelhança da que foi praticada pela Geração de 45, era, na verdade, a negação do Modernismo. A classificação da Literatura Brasileira, que aponta os de 45 como o desdobramento terceiro dos de 22, estava completamente errada! E eu também o estava!

Pois que seja. Atualmente, tendo revisto a equívoca posição anterior, passei a considerar os fatos em perspectiva diversa. Já que os textos do outro livro de versos livres possível de enquadrar no que outrora chamei de Pré-Modernismo, os *Poemas amazônicos*, de Pereira da Silva, são uma realização estética inferior, uma prosa que, amontoada em linhas a fim de ganhar similitude de poesia, tornou-se moeda liricamente falsa, admito Violeta como a principal, talvez a única, representante modernista no Amazonas.

E enquanto os poemas dos Ritmos circulam de mão em mão — notas de real finalmente acessíveis ao povo —, imagino que, tal como o pôr-do-sol, que não termina antes de oferecer todo o vário matiz de que dispõe, também a fase pré-Madrugada não se extinguiria sem que se pudesse exclamar, reconhecendo: ainda que tarde, Violeta.

* **Marcos-Frederico Krüger** é Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela FUCPA e Coordenador do curso de pós-graduação em Letras da Universidade do Amazonas.

EVOCAÇÕES LÍRICAS E TRANSIÇÃO MODERNISTA EM VIOLETA BRANCA

Tenório Telles*

I O novo, seja encarado do ponto de vista artístico ou histórico, não é um fenômeno alheio ao passado, imune às determinações do tempo e da realidade cultural e social da qual emerge. Embora represente a superação de velhas formas e conceitos, herda certas referências e signos do passado.

A literatura é uma afirmação desse traço de continuidade que perpassa as manifestações culturais produzidas pelo ser humano. As obras literárias resultam do diálogo do escritor com o seu tempo, mediatizado pelo falar com autores e obras emblemáticas da tradição. Evidencia-se, assim, o caráter antropofágico da arte, em que o novo nasce, ao mesmo tempo, da devoração e negação do passado.

Outro aspecto a ser considerado é a assimetria das manifestações literárias. Determinadas por fatores históricos, econômicos, culturais, sociais e até geográficos, algumas sociedades são pioneiras em termos de renovações estéticas. Nos dias de hoje, devido às modernas tecnologias de comunicação, a disseminação do conhecimento tenderá a ocorrer de forma simultânea.



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



**Secretaria de
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**